

O Brasil visto de dentro da floresta

Está nas livrarias "A Ferro e a Fogo - A História e a Devastação da Mata Atlântica Brasileira". É um grande livro, talvez o melhor do ano. Foi escrito pelo professor americano Warren Dean, que nos anos 70 contou a história da industrialização de São Paulo e nos 80 desmistificou a crise da borracha como produto da cobiça imperial das nações desenvolvidas. Dean morreu há dois anos, em Santiago do Chile, envenenado por um escapamento de gás.

É um trabalho zangado, quase triste, sem concessões ao anedótico. Pelo assunto e pelo estilo, lê-lo não traz prazer, mas é uma verdadeira dádiva intelectual. A história de Dean foi escrita em círculos. Pela história da floresta ele contou a história da terra. Pela da terra, a do Brasil. Pelas três, a de, uma profecia que serve de epígrafe ao livro: "Quem vier depois que se arranjar".

Narrativa da destruição de uma floresta que caiu nas mãos de uma elite ignorante, incapaz de perceber interesses coletivos e duradouros (mesmo os seus), "A Ferro e Fogo..." mostra a extensão daquilo que um governador de São Paulo, já no século 18, chamava de "engodo da mata virgem". No século 16, exportava-se pau-brasil em toras, não em tintura, o que seria muito mais lucrativo. Queimava-se a mata, mas se comprava potassa na Europa, mesmo sabendo-se que ela era um derivado das cinzas. No século 17, Portugal importava índigo (o corante azul que hoje tomou conta do mundo com os jeans) mesmo sabendo-se que a sua planta era conhecida

dos índios. No 19, José Bonifácio mandava arrancar os papos dos tucanos do museu de

história natural para enfeitar o manto de D. Pedro 1º. A nobreza do seu tempo importava mogno da Jamaica e se surpreendia ao ver que os europeus valorizavam o jacarandá. Charles Darwin, que passou algumas semanas no Rio de Janeiro, surpreendeu-se ao ver que um dos seus anfitriões mandou derrubar uma árvore para retirar de um de seus galhos um macaquinho que acabara de caçar. Segundo um viajante inglês, era uma elite que "não conhece os desfrutes que fazem a vida desejável".

Na metade do século 20, a lenha e o carvão vegetal representavam 79% de toda a energia consumida no Brasil. Em 1992, só na região sudeste da Mata Atlântica, 269 hidrelétricas inundavam uma área equivalente à metade do Estado do Rio de Janeiro. Um terço delas estava desativado.

Aquilo que hoje pode parecer asneira era produto de uma monocultura destinada a preservar o poder dos fortes, de fazendeiros que recebiam lotes de 40 km² do Estado (as sesmarias) e, quando os esgotavam, reivindicavam outro. Nessa grande devastação, Dean achou personagens heróicos, como o conservacionista Augusto Ruschi, no Espírito Santo, defendendo a floresta, estudando os colibris e colecionando orquídeas. Seu carinho pelas organizações ambientalistas é contido, mas é difícil que alguém leia seu livro e seja capaz de voltar a debochar das ONGs ecológicas.

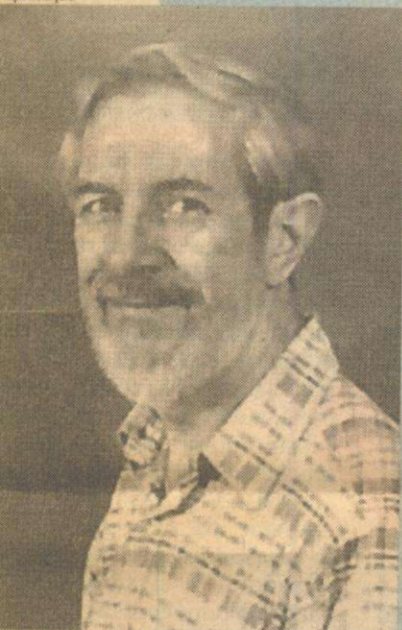
Graças a esse livro se pode saber que neste ano comemoram-se 200 anos da revogação da lei que exigia a demarcação de todas as sesmarias existentes e futuras. O presidente Fernando Henri-

que Cardoso ainda tem dois meses para comemorar o Bicentário da Desorganização Fundiária. Desfilam decretos que não são cumpridos e reservas florestais que mingam. (O parque da Serra da Bocaina, na Serra do Mar, nasceu em 1971, com 1.340 km². No final dos anos 80, tinha 55 km².)

Quem não quiser ler o livro todo deve pelo menos praticar o exercício de ir da página 293 à 297. Conta a história de uma re-



Reprodução



Warren Dean e seu grande livro



serva de 3.000 km² criada em 1942, reduzida à metade quatro anos depois e finalmente dissolvida nos anos 60. O governador que a desmembrou e dissolveu nela pegou terras para um irmão e um filho. As terras foram grilladas, a mata derrubada e as pastagens ficaram sob a proteção de pistoleiros. O governador chamava-se Adhemar de Barros ("rouba, mas faz") e a reserva situava-se no Pontal do Paranapanema, onde ainda há gente acreditando que o movimento dos sem-terra é uma diabólica ameaça ao sacrossanto instituto da propriedade privada.

Sem cometer um só momento de romantismo ecológico, Dean termina seu livro (muito bem traduzido por Cid Knipel Moreira) com os pés na floresta destruída e os olhos na Amazônia:

– O último serviço que a Mata Atlântica pode prestar, de modo trágico e desesperado, é demonstrar todas as terríveis consequências da destruição de seu imenso vizinho.